Brasília, capital do terceiro milênio

Dois triângulos, ou duas pirâmides, podem ser formados, unindo-se os pontos estratégicos da cidade. A Estrela de David surge com a união dos traçados, (ao lado). Tudo isto pode ser explicado como estranhas coincidências. A Sociedade Brasileira de Eubiose afirma que nada aconteceu por acaso: "Será aqui que tudo vai acontecer. A América do Sul era um continente guardado para a nova civilização".

Sandra Costa

A monumentalidade arquitetônica e urbanística de Brasília não é o único impacto de quem vê, pela primeira vez, a capital do Brasil. O que mais impressiona é a estranha idéia de encontrar um lugar de ficção científica, pois não são poucos os que destacam a sensação esquisita de estar na metrópole de um outro planeta ou em uma galáxia desconhecida, a anos-luz de distância.

Isto pode ser influência das leituras, do cinema de Kubrick, da literatura de H. G. Weels, Júlio Verne e Conan Doyle, das fantásticas histórias intergaláticas, do inexplicável aparecimento dos OVNIS — Objetos Voadores Não Identificados — ou ainda, das especulações de Von Danicken. Mas para os habitantes da cidade, isto é consequência do apelo incontrolável do misterioso e do inexplicável.

Qual seria a explicação para todas essas sensações? Podemos afirmar que as analogias se multiplicam, desafiando qualquer teoria mais concreta. Podemos encontrar a resposta em Shakespeare: «Muitas coisas há entre o céu e a terra que não sabemos explicar, que não compreendemos, mas que não obstante, existem».

O pensamento de Shakespeare, aliado à historicidade, ao clima agradável e à amabilidade dos moradores de Brasília, podem explicar o fascínio e a misticidade da capital. E, partindo deste ponto de vista, podemos tentar entender o **slogan** «Brasília capital da esperança», como sendo a concórdia, a tal terra prometida da qual falam desde a remota antiguidade.

MISTICIDADE

Mas nem todos ficam na sensação, no poder do inconsciente. Existem aqueles que, de uma forma ou de outra, tentam explicar a misticidade de Brasília. O cineasta e jornalista Pedro Torre, por exemplo, preferiu a tese da coincidência, inspirado em conferência da professora Iara Kern, para realizar um documentário com 17 minutos de duração, intitulado de "Aknaton à JK".

Iara e Pedro constataram diversas coincidências que, se levadas a sério, podem relacionar Brasília com o antigo Egito. «A forma de gigantesco pássaro de asas abertas, a relação com os números cabalísticos, além de outras coisas, dão à cidade uma afinidade quase mística com Aton, no antigo Egito».

A tese da professora Iara Kern, intitulada «A longa caminhada das pirâmides a Brasília» e o filme de Pedro «de Aknaton a JK», nada afirmam. Apenas mostram as coincidências entre Aton, no antigo Egito, e Brasília, inclusive na vida de seus fundadores: Aknaton e Juscelino Kubitscheck.

O filme de Pedro Torre impressiona tanto (as cópias estão espalhadas por Brasília) que o diretor de Turismo, Tarcísio dos Santos, resolveu lançar um programa em São Paulo, «Brasília Mística», a fim de atrair o turista para a capital. «As coincidências são tão fortes que é impossível não acreditar que são reais», afirma o diretor do Detur.

O FILME

O filme de Pedro Torre começa com a música de Miguel Dias Nobre, «Estranha», e a profecia de Dom Bosco: «Nos paralelos de 15 a 20 graus nascerá uma civilização que dominará o mundo. A terra prometida será encontrada, onde jorrará o leite e o mel".

Depois começam as «coincidências»: primeiro porque Brasília foi construída no parelelo de Dom Bosco; depois, porque não existe nenhuma maquete da cidade, pois toda a arquitetura está calcada nos rascunhos de Lúcio Costa. Conta o urbanista que, um dia antes de terminar a concorrência para a construção de Brasília, levantou-se no meio da noite e começou a riscar o papel. «Uma estranha força me movia. Sabia que era um dever, uma sina».

No dia seguinte, na apresentação dos projetos ao presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira, no Palácio do Governo, no Rio de Janeiro, o espanto da escolha: os rabiscos de Lúcio Costa no meio de maquetes, projetos e plantas.

Mas as coincidências na construção da nova capital não param aí. Oscar Niemeyer consegue entender o projeto e dá a Brasília, justamente, o que o urbanista tinha imaginado: arrojo, simplicidade e espaço. Um outro arquiteto, contratado para idealizar o prédio da Companhia de Eletricidade de Brasília (CEB) e a Embaixada do Egito, afirmava depois de entregar a planta: «Não fiz cálculo algum. Simplesmente sentei-me à prancheta e os monumentos saíram perfeitos. Nem conferi os números que tinha colocado no projeto».

ATON

Mais coincidências. Desta vez com Aton, no antigo Egito. A construção da cidade marcou, na época, a mudança de costumes, a mudança religiosa. Enquanto isto, Brasília é construída para mostrar uma nova realidade política e social. Outra coincidência apontada por Pedro Torre, é a correlação da morte de Aknaton e Juscelino. «Ambos morrem 16 anos após a construção da nova capital e de maneira trágica».

No filme, o cineasta aponta mais um paralelo entre as duas cidades, que é a semelhança dos nascidos na capital com o povo egípcio e, o que mais impressiona, as feições de Juscelino são muito parecidas com as de Aknaton. Mais uma coincidência?

Mas para Pedro Torre, a relação com o antigo Egito não pára por aí. «Diversos monumentos de Brasília, como a Torre de Televisão, a Ermida Dom Bosco, o Memorial JK, o Centro de Convenções etc, são pirâmides. O próprio prédio da CEB, se observarmos melhor, é idêntico a pirâmides Sakara, o único monumento em pedra escalonada e que representava a energia vital e cósmica. Será mais uma coincidência que o mesmo formato foi utilizado para a construção de uma firma ligada à eletricidade?

Mas outras «coincidências» são apontadas por Pedro Torre no próprio prédio da CEB. «Se virmos o prédio por cima e por trás (não pode ser de outra maneira), onde estão os estacionamentos e as ruas de acesso, aparecerá a figura do pássaro Ibis, conhecido como o grande protetor das pirâmides».

Também é mostrado no filme que, em vista aérea, a Rodoviária forma um «H» deitado que, no Tarot Egípcio, significa paz, a cultura e a riqueza. O Congresso Nacional, nada mais é, do que o «H» em pé que, segundo a Kabala e o Tarot, denotam o símbolo das decisões e da Justiça. Mais uma coincidência, talvez...

Também no Congresso Nacional, além do «H» central, apareceu duas conchas — uma para cima e uma para baixo — que, segundo Pedro Torre, representam os pólos positivo e negativo. «Se pudéssemos uní-las, formaríamos a esfera, que é o símbolo do Universo e, se traçarmos o raio, entre os paralelos, teremos dois triângulos, ou quem quiser, duas pirâmides», explica Pedro Torre.

— Mas o mais importante é o aparecimento da Estrela de David na junção dos triângulos, que representam o Poder Federal e o Estadual, explicou. O primeiro, o Governo Federal, é constituído pelo Palácio dos Três Poderes, Palácio do Planalto e Palácio da Justiça, representando os poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, respectivamente.

No contexto estadual, o Triângulo é formado pelo Palácio do Buriti (Executivo), Tribunal de Justiça (Judiciário) e o Centro de Convenções (Legislativo). «Muitos acham que esta triangulação é forçada, mas se pensarmos que no Centro de Convenções são realizados todos os encontros importantes, como os seminários, palestras e congressos, veremos que este é um monumento concreto, na área estadual, de representação do povo. Portanto, o Legislativo».

Pegando os dois triângulos — o primeiro formado pelo conjunto de monumentos do Governo Federal (invertido — de baixo para cima) e, o formado pelo Governo Estadual, teremos uma estrela de David. No centro desta estrela aparece um novo triângulo a Torre de Televisão (representando a cidade) e, no ápice, como sendo a base de tudo, temos o «Memorial JK». Outra coincidência?

KABALA

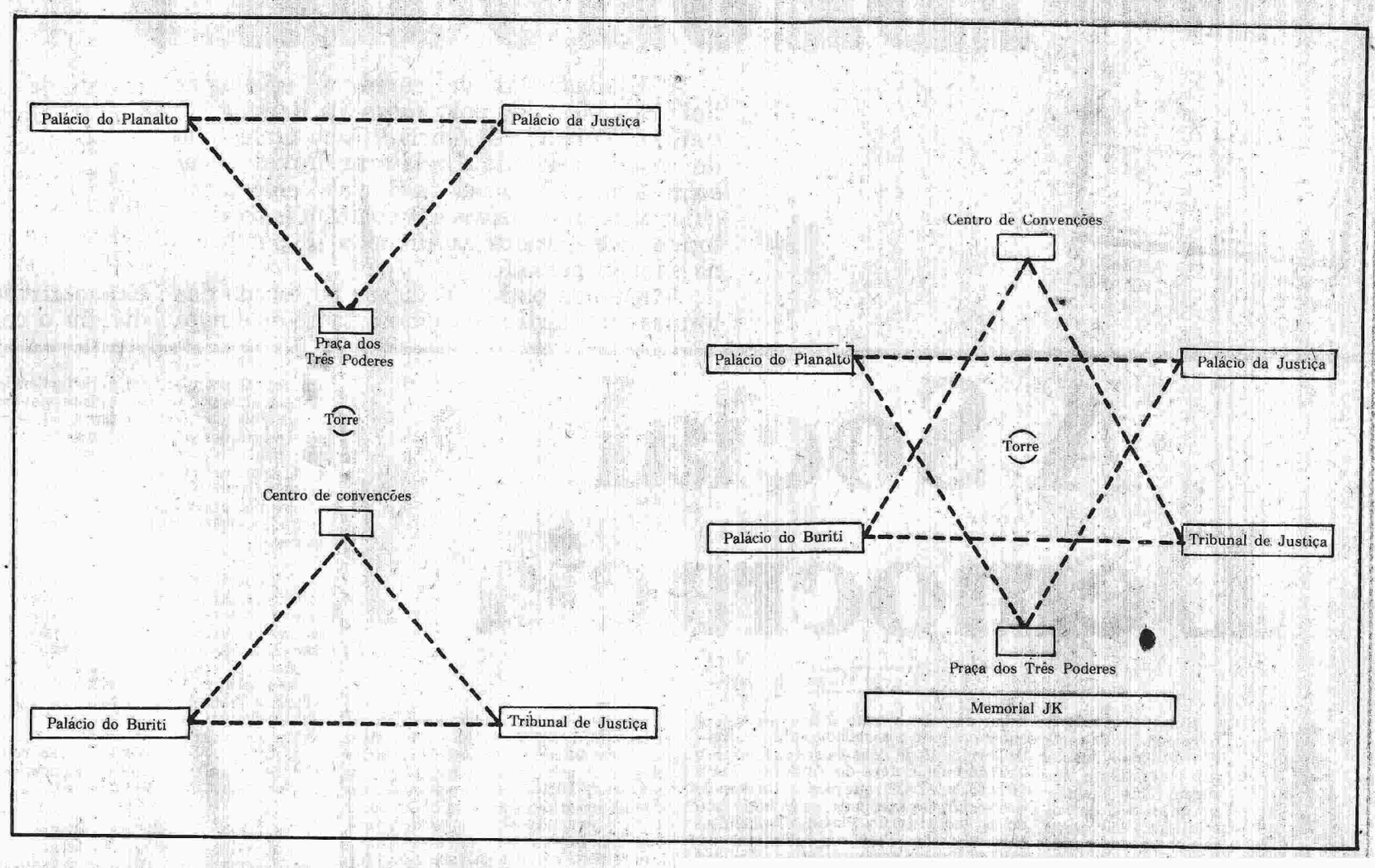
A relação com a Kabala Hebraica e os números cabalísticos é mostrada por Pedro Torre na formação de vários monumentos de Brasília e nas superquadras. «Tudo na cidade é múltiplo de 12, que é o número sagrado da Kabala e do Tarot, tanto que eram 12 apóstolos, 12 signos do zodíaco etc.).

No Palácio do Buriti existem seis colunas e, no Centro de Convenções, 12 colunas — seis de cada lado. As superquadras 100, 200 e 300 são formadas por 11 blocos de seis andares (11x6 = 66.6 + 6 = 12) e as 400 são duplas, isto é, dois e três, quatro e cinco, e assim por diante. Existem 11 blocos em cada uma, com três andares. Então, se unirmos as quadras, teremos 11 blocos de seis andares, que fazem a mesma relação.

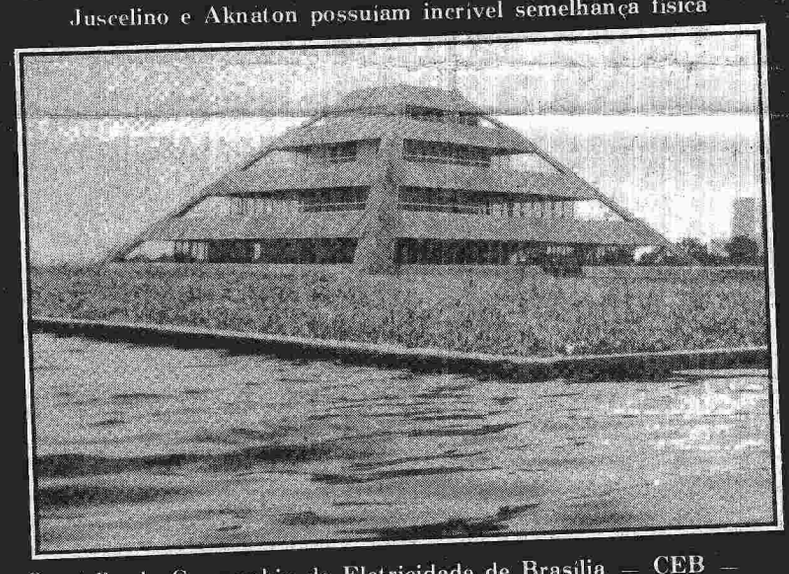
A Kabala reaparece na vista da Esplanada dos Ministérios que representa um quatro, o símbolo da terra, do real. Na Catedral, a relação com o misticismo, as dez colunas sustentando o prédio que, por acaso, representa a paz e a harmonia entre os irmãos (como exemplo, temos os dez mandamentos).

A última coincidência, mostrada por Pedro Torre, é o nascer do Sol em 21 de abril. «Como nas antigas tumbas dos faraós, quando na época de seu aniversário, o Sol nascia em cima do túmulo, todos os anos. Em Brasília, em 21 de abril (data da fundação) o Sol nasce no «H» do Congresso Nacional).

Por estas «coincidências» Pedro Torre pergunta no final de seu filme: «Será Brasília a marca de uma sociedade do terceiro milênio? Será Brasília uma cidade egípcia?»

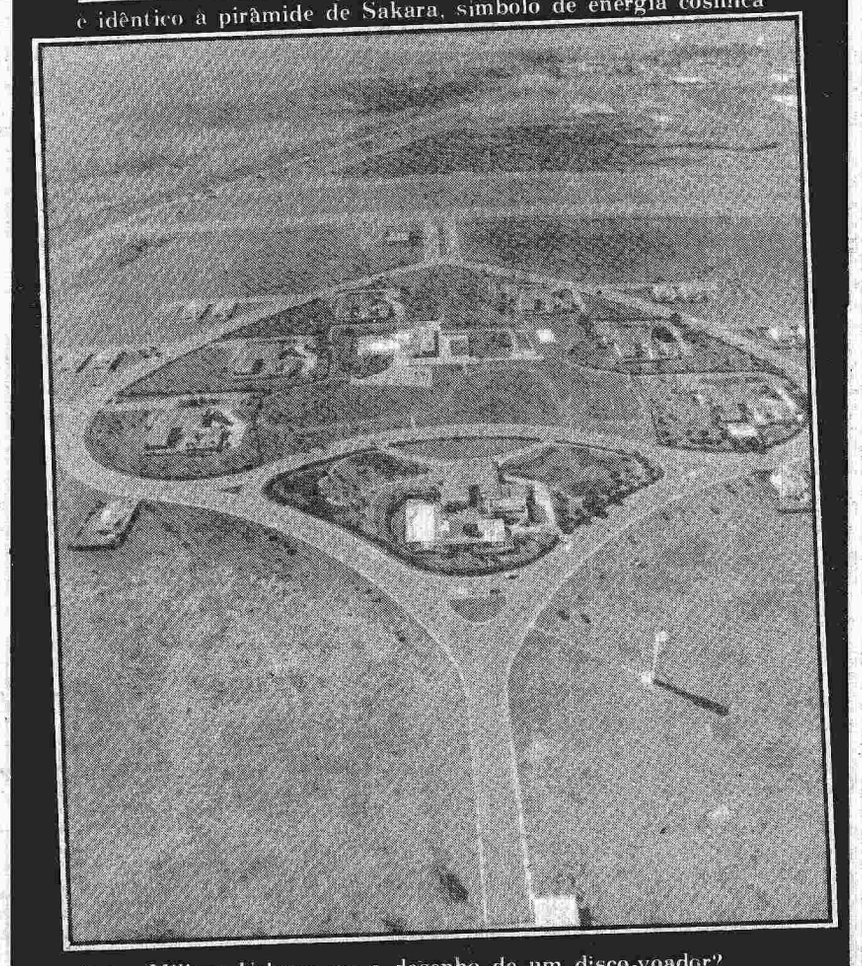


Juscelino e Aknaton possuiam incrível semelhança física



O prédio da Companhia de Eletricidade de Brasília — CEB —

é idêntico à pirâmide de Sakara, símbolo de energia cósmica



Setor Militar Urbano ou o desenho de um disco-voador?